

Tocar na chaga viva: os campos de batalha como *mnemotopos* na obra de Aquilino Ribeiro

Silvie Špánková* 

*Grande bicho é o homem! Bate-se e morre de sorriso
nos lábios por disparates.*

Aquilino Ribeiro: *A João Pina de Morais*

Introdução

Em 1924, Raul Brandão, amigo de Aquilino Ribeiro (1885-1963), fez uma viagem aos Açores, na sequência da qual publicou o livro *As ilhas desconhecidas: notas e paisagens* (1926). Quatro anos antes (outono de 1920), Aquilino cruzou a Alemanha, onde teve a oportunidade de observar como o país da sua primeira mulher, Grete Tiedemann, lidava com a crise pós-guerra.¹ Oito anos mais tarde, em novembro de 1928, fez uma outra viagem, desta vez para a região francesa conhecida como o território da frente ocidental durante a Primeira Guerra Mundial. O itinerário dos campos de batalha resultou na publicação de relatos nas páginas de *Ilustração* (entre janeiro e março de 1929). Estes textos, contudo, não são meras “Notas de viagem”, como o autor os denominou, mas, tal como no caso dos textos de Raul Brandão, correspondem à imersão num espaço de memória que abriga vários fantasmas do passado.²

O tópico da Primeira Guerra Mundial não tem sido frequentemente revisitado pelos autores portugueses, facto que provavelmente se deve ao destaque posto noutros conflitos armados, sobretudo no contexto da guerra colonial de 1961-1974, cujas consequências se ressentem na memória coletiva até à contemporaneidade. Este facto, porém, não significa a completa obnubilação do primeiro conflito global à escala mundial, pois no decorrer das últimas décadas tem sido possível observar que a memória da Primeira Guerra Mundial, sobretudo em jeito de homenagem às pessoas diretamente atingidas pelo conflito, tem vindo a ser reavivada. Mencionemos como exemplo a produção de filmes documentários (p. ex. do filme *La Lys, Batalha Centenária* [2018] de António Louçã, reportagem da RTP), de filmes de cinema e televisão (p. ex. do filme e minissérie *Soldado Milhões* [2018] de Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa) e da literatura (p. ex. do romance *A devastação do silêncio* [2018] de João Reis). Neste contexto, o

* Doutorada pela Universidade Carolina (Univerzita Karlova - UK), Praga, República Checa. Professora do Departamento de Línguas e Literaturas Românicas da Universidade Masaryk (Masarykova univerzita - MUNI), Brno, República Checa. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9839-7963>. E-mail: 8346@mail.muni.cz

¹ Alguns textos desta viagem, proporcionada pela Biblioteca Nacional, foram publicados em 1920 na revista *A Pátria* com o título “Cartas da Alemanha” (cf. HANENBERG, 2014, p. 45), dando-se a sua publicação integral no volume de *Alemanha ensanguentada* (1935).

² A este respeito, recomenda-se, entre outros, a leitura do trabalho de Luci Ruas sobre a obra brandoniana. Numa passagem do texto, a investigadora constata o seguinte: “O uso constante de figuras humanas em estado de solidão ou miséria marca o movimento e nada mais significa que o resultado da onda de angústia e ansiedade que tomava o círculo intelectual da Europa durante os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).” (RUAS, 2021, p. 20).

presente trabalho demonstrará que Aquilino Ribeiro foi um dos primeiros autores portugueses a refletir não apenas sobre o tópico da Primeira Guerra Mundial, mas também sobre a sua memória.³

À luz das reflexões sobre a Primeira Guerra Mundial, motivadas pela viagem do autor aos campos de batalha, o artigo segue um duplo objetivo que consiste em focar tanto os textos que compõem a série dos relatos da viagem de 1928, como o conto “Chumbo” (*Caminhos errados*, 1947) situado no mesmo cenário. Devido a afinidades relevantes no domínio do imaginário espacial, a atenção recairá, em especial, sobre a configuração do lugar, correspondente, em ambos os casos, aos campos de batalha. A fim de efetuar plausivelmente esta revisitação do lugar de memória da guerra, visitar-se-á, como base metodológico-conceitual, um breve conjunto de reflexões sobre a problemática dos lugares de memória, mormente da autoria de Pierre Nora (1984), Aleida Assmann (2018), Dylan Trigg (2012) e Jan Assmann (2001). Estas reflexões possibilitarão apreender a forma como Aquilino Ribeiro aborda e recria os lugares de batalha, permitindo assim realçar o ideário anti-bélico do escritor português, sempre avesso a todas as formas de subjugação e violência.

Lugares de memória

Um dos primeiros pensadores que refletiu sobre a relação entre a memória e identidade, Maurice Halbwachs, sociólogo empirista, assumiu que a memória coletiva, diferente da memória historiográfica, se restringe às comunidades circunscritas a um determinado tempo e espaço (HALBWACHS, 2009, p. 130). A história, na sua opinião, começa em geral no momento em que acaba a memória, porque enquanto a memória dura, é desnecessário fixá-la (HALBWACHS, 2009, p. 124). Esta distinção tornou-se base de vários trabalhos posteriores sobre o assunto, sendo sobretudo desenvolvida pelo historiador francês Pierre Nora, cuja distinção entre a memória e história é atualmente considerada uma das mais influentes nas reflexões sobre a memória coletiva:

La mémoire est la vie, toujours portée par des groupes vivants et à ce titre, elle est en évolution permanente, ouverte à la dialectique du souvenir et de l'amnésie, inconsciente de ses déformations successives, vulnérable à toutes les utilisations et manipulations, susceptible de longues latences et de soudaines revitalisations. L'histoire est la reconstruction toujours problématique et incomplète de ce qui n'est plus. La mémoire est un phénomène toujours actuel, un lien vécu au présent éternel; l'histoire, une représentation du passé. Parce qu'elle est affective et magique, la mémoire ne s'accommode que des détails qui la confortent; elle se nourrit de souvenirs flous, télescopants, globaux ou flottants, particuliers ou symboliques, sensible à tous les transferts, écrans, censure ou projections. L'histoire, parce que opération intellectuelle et laïcissante, appelle analyse et discours critique. La mémoire installe le souvenir dans le sacré, l'histoire l'en débusque, elle prosaïse toujours. (NORA, 1984, p. xix)⁴

³ Neste sentido, Aquilino Ribeiro, apesar de não ter participado diretamente na guerra, pode ser recordado ao lado dos seus companheiros da *Seara Nova*, tais como Jaime Cortesão (1884-1960) e Augusto Casimiro (1889-1967), cujos trabalhos de teor memorialístico são em geral bem conhecidos. Sobre *Memórias da Grande Guerra* (1916-1919), de Jaime Cortesão, recomenda-se, entre outros, o trabalho de João Miguel Henriques (2019).

⁴ Na entrevista de Assmann com Pomian, este explicou como é necessário compreender a relação problemática entre a memória e história a que se referiu Nora. Pomian assume que Nora considerou a necessidade de devolver a história à memória, de

Estas reflexões aproximam-se da problemática fundamental para este trabalho, que é a memória dos lugares. Pierre Nora assume que, se ainda vivêssemos dentro da memória, não precisaríamos de lhe consagrar lugares (NORA, 1984, p. xix).⁵ De facto, o seu projeto monumental, em que apresenta uma noção mais matizada da memória, essa que corresponde à memória construída pela sociedade, seus signos e símbolos (ASSMANN, 2018, p. 149), tem o título *Lieux de mémoire* (projeto realizado entre 1978 e 1992 conforme Krzysztof Pomian (*apud* ASSMANN, 2018, p. 160).

Ao entrar neste domínio convém não esquecer que o próprio conceito de lugar tem sido objeto de várias conceptualizações, dentro das quais as mais relevantes para os estudos literários têm sido as perspectivas relacionadas com a fenomenologia existencial (em especial, de Heidegger e Merleau-Ponty) e com a geografia humanista (em especial, de Yi-Fu Tuan e Edward Relph). O espetro das perspectivas aumenta ainda com um ângulo a partir do qual um determinado tipo de lugar poderia ser abordado, salientando-se, por isso, o seu caráter inerentemente plural e multidimensional (PRIETO, 2013).⁶ Por conseguinte, seguindo a inspiração da fenomenologia a geografia humanista, sobretudo no que se refere à intersecção das perspectivas subjetiva e objetiva (“the betweenness of place” na conceção de J. N. Entrikin, 1991), Dylan Trigg não percebe o lugar como um conceito realista, nem como um conceito idealista, mas algo entre o mundo e o sujeito, sublinhando três atributos fundamentais, experiência, afetividade e particularidade:

That places have the power to disarm our memories and electrify our imaginations is due not only to the supposed centrality of human experience. Indeed, places really *do* exist, and they do so quite independently (although no doubt differently) from the human values that are coated upon the world. At the same time, through coming into contact with the world, place becomes more than inert materiality by assuming an emblematic role in our understanding of self. (TRIGG, 2012, p. 6)

Semelhantemente, embora de um outro ponto de vista, Robert T. Tally Jr. (2019) assume que o lugar é determinado pela experiência e percepção do sujeito individual, sendo simultaneamente o próprio sujeito determinado pelo lugar, em relação ao qual se define. O lugar é por isso profundamente subjetivo, correspondendo também a uma forma de subjetivização (TALLY, 2019, p. 18). Neste relacionamento íntimo entre o lugar e o sujeito convém também não esquecer que não se trata apenas de casos de topofilia, visto existirem lugares profundamente ambíguos e perturbantes que se mantêm com força na memória. Como foi também aduzido por Trigg (2012, p. 9), “precisely through their strangeness, places become memorable by disturbing patterns of regularity and habit”. O espetro das sensações relacionadas com um lugar abrange, assim, uma grande escala de variações. Esta visão holística da espacialidade, assente em multiplicidade e diversidade, foi designada por Tally (2019) com o termo *topophrenia*.

não tratar a história apenas como uma disciplina altamente especializada, sem ressonância no âmbito da sociedade leiga. (cf. ASSMANN, 2018, p. 162)

⁵ “Habiterions-nous encore notre mémoire, nous n’aurions pas besoin d’y consacrer des lieux.” (NORA, 1984, p. xix)

⁶ Para Eric Prieto (2013, p. 12-13) “[i]t is a shifting term that can take different definitions depending on our needs, which might induce us to put the emphasis on, variously, its ability to generate meaning (Tuan and Berque), its socially constructed

No âmbito dos estudos de memória, Aleida Assmann (2018, p. 338) não oferece conceptualizações do conceito de lugar, embora se refira ao ideário de Johann Wolfgang Goethe e à energia simbólica por ele atribuída aos lugares, precisamente em contraste à categoria do espaço que adquire um caráter neutralizado e dessemiotizado. A designação de “lugares de memória”, por conseguinte, sugere, de acordo com Assmann, que os lugares podem tornar-se sujeitos, portadores de memória, podendo também dispor de memória que pela consolidação das recordações num solo excede a memória humana (ASSMANN, 2018, p. 336-338). Trata-se, resumidamente, de lugares de várias gerações (lugares de família), de lugares sagrados e paisagens míticas (como os lugares exemplares de Jerusalém e Tebas), de lugares traumáticos ou de lugares de memória propriamente ditos, nos quais a história ficou inscrita em ruínas ou relíquias (ASSMANN, 2018, p. 338-381). Nestas circunstâncias, como aduz Jan Assmann (2001, p. 56-57), um território inteiro, *semiotizado*, elevado à categoria do signo, pode tornar-se um texto topográfico da memória cultural, *mnemotopos*. No âmbito de lugares de memória com um acrescentado valor simbólico-coletivo, convém ainda destacar a importância dos monumentos como um *medium* simbólico, abrigo de sensações e afetos, ponto de contacto entre a história e a política, nação e indivíduo (ASSMANN, 2018, p. 47-57).⁷ É precisamente neste contexto que se situa a reflexão sobre os campos de batalha na escrita aquilíniana.

“Notas de viagem”: reflexões preambulares

Na recente edição da Bertrand Editora (2015), prefaciada por Pedro Mexia, os textos da viagem de Aquilino Ribeiro aos campos de batalha, realizada em 1928, são colocados no fim do livro a seguir aos relatos da viagem à Alemanha de 1920. O volume permite assim reconstruir a imagem global das consequências mais acutilantes da Primeira Guerra Mundial. Esta edição traz o título da série “Nos campos de batalha” e compõe-se de textos localizados e datados.⁸ Na edição de Jorge Reis (1988), por outro lado, a série é intitulada “Nos campos de batalha da Flandres” e consta de quatro fragmentos interiormente localizados, mas não datados, expondo apenas a data e local de publicação (1-1-1929 – 1/3/1929, *Ilustração*). A disposição dos fragmentos tem implicações genológicas, pois enquanto a edição da Bertrand poderia ser pensada como um diário, a edição de Jorge Reis destaca o género jornalístico.

aspect (Harvey and Massey), its affective importance (Lippard, Altman and Low), or its ability to reconfigure our experience of physical space (Lévy, Castells). As an object of study, then, it is inherently multidimensional.”

⁷ Outro significado, metafórico, do lugar, relaciona-se com os estudos de cultura, retórica, artes e literatura. Recorde-se que, na Antiguidade, *topos* (gr. lugar) correspondia ao instrumento de definição de argumentos, adquirindo mais tarde o caráter de argumento em si. Foi sobretudo pelo esforço de Ernst Robert Curtius (1998, p. 91-120) que o termo *topos* passou a constituir alicerces da literatura comparada baseada na perspetiva diacrónica. Curtius destacou, entre outros, os *topoi* retóricos (p. ex. o *topos* da modéstia), metáforas tópicas (p. ex. *theatrum mundi*), *topoi* de paisagem (p. ex. *locus amoenus*) ou *topoi* oximóricos (p. ex. *puer senex*). Por conseguinte, o significado de alguns *topoi* definidos pela vertente semântica podem coincidir com a noção de imagens consolidadas pela tradição e pela continuidade imaginária e textual. Neste contexto, apoiando-se nos estudos de Aby Warburg e nos ensaios de Charles Lamb, Aleida Assmann (2018, p. 250-268) reflete sobre a importância de símbolos e arquétipos como uma vertente da tradição mnemotécnica. Estas observações permitem também refletir sobre a configuração do imaginário espacial nos textos aquilínianos.

⁸ Béthune, sábado, 10 de Novembro de 1928, Lacouture, domingo, 11 de Novembro, Bapaume, segunda-feira, manhã, 12 de Novembro, Estrada de Arrás, segunda-feira, tarde, 12 de Novembro, Courcellette, segunda-feira, pôr do sol, 12 de Novembro, Albert, terça-feira, 13 de Novembro, Estrada de Arrás, terça-feira, tarde, 13 de Novembro, Arrás, terça-feira, noite, 13 de Novembro, Estrada de Amiens, quarta-feira, 14 de Novembro, Amiens, quinta-feira, 15 de Novembro.

As anotações cronológicas na edição da Bertrand (data e, às vezes, mais atributos temporais como “manhã”, “tarde”, “pôr do sol”, “noite”) personalizam os relatos como uma forma de experiência íntima, apesar de a localização final da escrita (“Berlim-Paris”) desconstruir este pacto de leitura em prol de uma estratégia retrospectiva. Pela mesma estruturação cronotópica, a forma dos relatos dos campos de batalha coincide com os textos da viagem à Alemanha em 1920, justificando-se assim o projeto de compilar as duas séries num volume. Diferentemente, a falta de localização dos textos no volume *É a guerra* (escrito em 1914 e publicado em 1934), em que Aquilino Ribeiro descreve e analisa a situação em Paris no período da eclosão da guerra em 1914, destaca a coerência espacial, havendo a consciência do progresso temporal garantida mediante a datação dos relatos.

A edição de Jorge Reis (1988), por outro lado, apresenta o subtítulo “(Notas de viagem)” e a dedicação “(A Mlle G... que também viajou comigo, por obra do pensamento)” que, além de homenagear a presença feminina, porquanto de teor espectral e alusiva provavelmente à primeira mulher do escritor, marca um “arquitema” central, que é, precisamente, a memória. A dedicação discretamente íntima alarga as possibilidades de receção das “notas de viagem”, pois além da imersão nos espetros da guerra, glorificando a memória dos que a sofreram em carne viva, uma outra memória desenha o seu contorno no fundo das visões que “excedem todas as visões de Dante nos Infernos” (RIBEIRO, 1988, p. 72), cabendo essa memória à mulher que, como Beatrice no fim do *Purgatório*, guia os passos do escritor pelos trilhos da reconstrução.

Ambas as edições, portanto, oferecem um ângulo especial para aceder aos textos. Para os fins deste trabalho será considerada como básica a edição da Bertrand, sendo, porém, em casos justificados referida também a edição de Jorge Reis. À luz dos estudos da memória, o foco não recairá na vertente informativa dos textos, mas concentrar-se-á exclusivamente nos pontos cruciais da configuração do imaginário espacial.

Travessia do autor pelos campos de batalha

Tratando-se de relatos de viagem, não surpreende a relevância do motivo de estrada que tem um duplo significado. Se, por um lado, indicia a movimentação no tempo e espaço, como é comum na literatura de viagens, *travelogue* e *road fiction*,⁹ marca também um certo horizonte de expectativa, um preâmbulo, cujos sinais podem ser cumpridos ou não. É evidente que esta estratégia é efetiva sobretudo na ficção artística, na medida em que a relevância do tópico de estrada costuma estar relacionada com algum fenómeno invulgar.¹⁰ De facto, havendo várias referências às estradas nos textos aquilianos como passagens entre diferentes localidades, destacam-se na série dois relatos denominados precisamente de acordo com as estradas das respetivas localidades, “Estrada de Arrás” e “Estrada de Amiens”. Estes topónimos correspondem ao cruzamento de duas vertentes semântico-discursivas: disfórica e vitalista.

⁹ Recorde-se que, no domínio da ficção, o motivo de estrada é um cronótopo fundamental nos títulos tão emblemáticos como *The Road* (Cormac McCarthy) ou *On the Road* (Jack Kerouac).

¹⁰ Veja-se o aproveitamento paródico do motivo de estrada em *O mistério da estrada de Sintra* (1870), de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão.

Centremo-nos no primeiro caso do imaginário disfórico. No texto intitulado “Estrada de Arrás, segunda-feira, tarde, 12 de novembro”¹¹, o panorama abre-se como a visão de um extenso cemitério com as “estelas funerárias, monumentos de pedra e de bronze” (RIBEIRO, 2015, p. 170), para seguir, no texto “Estrada de Arrás, terça-feira, tarde, 13 de novembro”, com as árvores “decapitadas”, “cadáveres negros, mirrados, a implorar a piedade do lenhador” (RIBEIRO, 2015, p. 178). Semelhante imaginário de *locus terribilis* apresenta-se também a caminho de Lacouture (hoje em dia, La Couture), no texto intitulado “Lacouture, domingo, 11 de novembro”, em cujo ambiente de imagens sombrias (tudo é “sinistro”, “lúgubre”, “lívido”) são novamente destacadas as árvores que, em vez de contornar a estrada em sinal de renovo, assombram-na em forma de *via crucis*. De facto, como o autor informa, as árvores que não foram abatidas pela maquinaria bélica, ficaram “sinistras” (RIBEIRO, 2015, p. 163):

Secas, ou com uma mecha de rebentos no coruto, lançam umas ao céu braços desesperados; perfilam outras um tronco monstruoso e enegrecido, como colunas de bronze, calcinadas. Estas aqui mostram o flanco escavacado de alto a baixo, como se as houvesse fulminado o raio. Aquelas, em que dois renovos teimaram em vingar, parecem ter sede e pedir às aves que não tenham medo; as outras são cadáveres insepultos, lúgubres, para vergonha dos homens. (RIBEIRO, 1988, p. 70)¹²

As imagens sinistras repetem-se no fim do mesmo texto, na descrição da viagem pela “estrada de asfalto, 29”, na qual os sinais de vida, grotescos, são assegurados pelos corvos de parecer magro, à procura de um alimento nutritivo (RIBEIRO, 2015, p. 166-167). O apocalipse do mundo natural é um fundo em que sobressaem mais cenas negras da tragédia humana, concentradas nas zonas urbanas. A cidade de Albert é até explicitamente referida como destruída “a ponto de se parecer com as cidades mortas, legendárias, em que a área é indicada pelo montão de pedra solta, e em que apenas uma ou outra coluna ou cunhal dobrado continuam a assinalar avenida ou praça” (RIBEIRO, 2015, p. 175).¹³ Ironicamente, o imaginário mais macabro do pós-inferno bélico relaciona-se com a localidade de Lacouture, palco de um horror duplamente assombrador por ter servido de lugar a uma das cenas mais dolorosas da Primeira Guerra Mundial para o povo português. Foi no ano de 1918, dia 9 de abril, quando o exército alemão pôs em marcha a *Operation Georgette* que, na Batalha de La Lys (também conhecida como Batalha d'Armentières), resultou como catastrófica para as linhas dos Aliados.¹⁴ É precisamente neste relato sobre a localidade de Lacouture que Aquilino Ribeiro faz muito mais do que escrever “notas de viagem” e até muito mais do que registar os lugares que abrigam os espectros de guerra. Neste texto, redigido em estilo de um expressionismo grotesco com alguns traços semelhantes ao estilo de Raul Brandão,

¹¹ Este texto encontra-se na edição da Bertrand, não estando presente na edição de Jorge Reis.

¹² Citado da edição de Jorge Reis, visto que na edição da Bertrand ocorre uma gralha.

¹³ Invocando o tópico da urbe morta, convém recordá-lo também na forma apresentada na estreia *Jardim das tormentas* (1913). Trata-se do conto “A revolução”, em que a imagem da urbe morta, correspondente à cidade submersa, remete para o mito de Atlântida (cf. ŠPÁNKOVÁ, 2016, p. 108).

¹⁴ Conforme testemunhos militares, o C.E.P. (Corpo Expedicionário Português), nomeadamente a 2ª Divisão que enfrentou o ataque alemão, sofreu desde fevereiro de 1918 de vários sintomas de cansaço (astenia, apatia, atonia etc.) e saudades, provocados por uma longa permanência sem repouso. A catástrofe foi também causada por estes fatores de índole psicossomática (cf. CARVALHO, 1924, p. 66-92). Tratou-se da última ofensiva alemã na frente ocidental.

não é abordado apenas o tópico da urbe morta, visto tratar-se de uma terrífica encenação da morte. O escritor desce vertiginosamente aos substratos do passado e, aderindo ao *horror loci* com a imaginação, converte-se, involuntariamente, num espetador do extermínio:

O espectáculo, dada a antecipação com que ali se arrisca o pé, não produz a emoção que lhe empresta a imaginativa. Mas não será temerário representar os cadáveres em bolandas ao percutir das granadas; a darem pulo para o meio dos vivos; a misturarem-se com eles; a serem triturados juntos pela mesma rajada de fogo. E, reciprocamente, não se nos afigura fabuloso supor os vivos buscar o amparo dos mortos, deitarem-se com eles no mesmo leito de podridão, e até revezá-los no posto.

Compreende-se que todo o subsolo da necrópole, que era grande, fosse revolvido até os fundamentos, depois de trinta horas de canhoneio. Nada ali ficou intacto, nem na forma primitiva. A metralha baralhou tudo o que não pôde dissociar. (RIBEIRO, 2015, p. 165-166)

O imaginário terrífico-grotesco da animização da morte faz lembrar tanto as cenas fantasmagóricas brandonianas, nomeadamente as de *Húmus* (1917),¹⁵ como algumas cenas do conto “A revolução” (*Jardim das tormentas*, 1913), um palco da morte devido a um cataclismo.¹⁶ É nestas passagens que se debate a condição humana, o sentido da vida num mundo às avessas que é a guerra, essa que em seu horror vai além das capacidades da imaginação (“Este monstruoso fantasma, este cemitério despovoado de cadáveres e cheio de pesadelos, esta igreja arrasada, monte de pedras e de silêncio, excedem todas as visões de Dante nos Infernos.”) (RIBEIRO, 2015, p. 166). Para se bater, cada potência é capaz de içar um estandarte de um valor supostamente elevado e nobre, como Aquilino Ribeiro, imperativamente pacifista, glosa com ironia no diário de *É a guerra*: “Curioso é que esta guerra seja feita em nome dos belos lemas que os insignes comedores arvoravam nos programas.” (RIBEIRO, 1958, p. 159).¹⁷ Por isso, a sua reação a todos os conflitos armados é explicitamente negativa, podendo esta reação assumir contornos de uma forte e emocional polémica no que se refere a todas as circunstâncias dos mesmos conflitos. Veja-se um caso concreto, detalhadamente referido no mesmo texto de “Lacouture, domingo, 11 de novembro”, sobre o monumento inaugurado a 10 de novembro de 1928 em homenagem à resistência portuguesa:

Um cotovelo de estrada, entre patos, que saem processionalmente do charco, e uma abegoaria, e rola-se em Lacouture, terra regada com sangue português. Aqui, em platibanda, obra de côvado acima da cruzeta dos caminhos, ergue-se uma empena de pedra truncada, com

¹⁵ Recordem-se as imagens como “Massa atrás de massa, os mortos empurram os vivos. Sente-se o esforço doloroso. Atrás destas mãos, outras mãos de desespero; atrás destes olhos sem órbitas, outros se desesperam para a luz. [...]” (BRANDÃO, 1991, p. 86).

¹⁶ Compare-se a animização da morte no texto “Estrada de Arrás, segunda-feira, tarde, 12 de novembro” (p. ex. “Negras, altas, de corte diferente, são cinco fantasmas que conversam e o seu vulto enche de espanto os horizontes”) (RIBEIRO, 2015, p. 171) com as imagens do conto “A revolução” (p. ex. “Caveiras beijavam-se e caveiras mordiam-se. Tíbias cravavam-se contra o tórax como lanças. Num capacete de couraceiro viam-se entalados os quatro ossos do crânio.”) (RIBEIRO, 1985, p. 226).

¹⁷ Aquilino enumera estes valores, com a devida ironia: “A França bate-se pela civilização e liberdade do mundo; a Rússia pelo exalçamento dos povos oprimidos; a Inglaterra pela salvaguarda dos tratados e honra do império; a Alemanha pela cultura e pela verdade; a Áustria contra a perfídia e pelo direito; todos mais inocentes uns que os outros; todos cordeiros pascais; todos endireitadores do torto e paladinos do fraco.” (RIBEIRO, 1958, p. 159).

filigrana manuelina em guisa de crenéis, vestida de figuras simbólicas de bronze. Nas costas, lê-se uma estância dos Lusíadas, barbaramente estropiada. Chamam-lhe monumento português porque foi pago com escudos e era intenção original que comemorasse o heroísmo e virtudes dos soldados portugueses caídos na terra de Flandres. Embora tal consagração no-la devesse a França, à qual ajudámos a varrer do solo o tremendo invasor, compreendia-se que o Governo português senão o país elevasse aquele ex-voto de piedade e reconhecimento. Afinal, na coluna compósita e amaneirada não se rende preito aos filhos de Portugal mas glorifica-se, sim, a nação irmã na latinidade. A parte das estrofes mutiladas de Camões, não há mais voz além deste dístico no supedâneo: *Hommage du Portugal à la France Immortelle / Reduit de Lacouture / 9 de Avril 1918*. (RIBEIRO, 2015, p. 163-164)¹⁸

Explicitamente, é preciso reter a indignação com que Aquilino reage ao monumento cuja única existência somente poderia consistir em homenagem aos combatentes portugueses, e não ao contrário. A inscrição no monumento é, no entanto, profundamente ambígua, pois se é certo que os portugueses ofereceram seus corpos em homenagem aos valores defendidos por França, o monumento como tal deveria destacar a memória deste sacrifício, o valor da vida colocada no altar da aliança.¹⁹ A inscrição da memória, não aceite pelo escritor português, fornece espaço para a reflexão sobre a decisão portuguesa de romper com a neutralidade e alinhar-se do lado dos Aliados (“Demos, pois, de barato que Portugal contou com o gesto alemão de platónica desafiância, gesto que teve a virtude de lhe fornecer uma plataforma jurídica para a cooperação com os aliados.”) (RIBEIRO, 2015, p. 190), em relação à posição de Portugal no panorama da política internacional (“A fatalidade da pequenez, senão uma fatalidade argamassada a poder de erros e vesânicas, pesa sobre os destinos e a marcha de Portugal.”) (RIBEIRO, 2015, p. 192-193) e, no fim do último texto de toda a série, à guisa de conclusão, sobre a memória que deve ser votada aos mortos (“Pois que existe o enfático monumento de Lacouture, para que deixe ao menos de ser absurdo, corrija-se-lhe a legenda; assim: *Aux soldas [sic] portugais, tombés en France, leur patrie reconnaissante.*”) (RIBEIRO, 2015, p. 192-193). O cenário disfórico dos campos de batalha acentua, assim, o horror da guerra, bem como o sofrimento dos que a viveram e cuja memória coletiva deveria ser pautada por um reconhecimento mais pertinente.

Por outro lado, o escritor português não esquece que a vida, em termos existenciais, pode e deve recomeçar após o cataclismo, custe embora um certo esquecimento temporário como condição

¹⁸ O monumento inaugurado a 10 de novembro na presença dos habitantes de Arras, Béthune e La Couture é obra do escultor português António Teixeira Lopes.

¹⁹ Compare-se, por exemplo, com a inscrição no monumento aos soldados indianos (Chattri Memorial) no condado de Sussex, na Grã-Bretanha (“To the memory of all the Indian soldiers who gave their lives in the service of their King-Emperor this monument, erected on the site where the Hindus and Sikhs who died in hospital at Brighton passed through the fire, is in grateful admiration and brotherly affection dedicated.”) (TRIGG, 2012, p. 80). Dylan Trigg dedica-se, em *The Memory of Place. A Phenomenology of the Uncanny*, a uma profunda reflexão filosófica dedicada a este monumento, refletindo, entre outros, sobre o seu impacto: “Instead of phrasing the monument as a reminder of mortality, I would prefer to speak alongside Levinas of the monument as an anonymous presence that re-presents, not simply the spatial and symbolic interruption of the landscape, but also the irreducibility of the past, taken at the limits of its materiality. In this sense, the monument articulates a borderline between history and memory, meaning that what is being returned to is both absent and present concurrently: absent as an ‘immemorial past’, but present as the ‘imperative’ toward the responsibility of that past.” (TRIGG, 2012, p. 97).

necessária da continuidade. Este imperativo da vida em morte é sinalizado, no texto “Estrada de Arrás, segunda-feira, tarde, 12 de novembro”, pelas flores que envolvem o lugar das campas (“Marinham pelas paredes roseiras de trepar”) (RIBEIRO, 2015, p. 171) e pela imagem da mulher em luto (“Ninguém? Não, lá ao fundo uma linda mulher, coberta de crepes, de pé, cabeça dobrada, reza, cisma, evoca, ante um coval, perdido a meio da branca floresta de pedra.”) (RIBEIRO, 2015, p. 171). Estas imagens, inseridas mesmo dentro do imaginário disfórico, insinuem a possibilidade de renovo, sinalizando a existência da segunda vertente semântico-discursiva, correspondente à linha vitalista e simbolicamente representada pela “Estrada de Amiens”.

O vitalismo da escrita aquiliniana funda-se, de acordo com José Carlos Seabra Pereira (2014, p. 19), antes de mais na “primazia da Vida como realidade radical que dispensa justificações teleológicas”. Em sintonia com este valor da Vida, a vertente vitalista dos relatos da viagem pelos campos de batalha pode ser registada sobretudo nas referências ao renovo da natureza: as árvores esqueléticas desaparecem dando lugar aos pomares, bosques, “velhas e copadas árvores” de cores outonais (RIBEIRO, 2015, p. 185), servindo também a floresta da estrada de Amiens de pretexto para o escritor português frisar o poder da “mitologia da floresta com seus poéticos e caprichosos habitantes, sílfides, gnomos, elches, dríades” (RIBEIRO, 2015, p. 186).²⁰ Deste modo, Aquilino Ribeiro soube redimir a morte pelo ciclo natural de morte/vida, representado pelo solo, sua fecundidade e capacidades recreativas, tal como é evidente nalgumas passagens do texto “Lacouture, domingo, 11 de novembro”: “Cheira a terra lavrada, este cheiro que resume todos os incensos vegetais e todos os aromas da vida e da morte.” (RIBEIRO, 2015, p. 163), “Uma terra baça, gorda, latejante de fecundidade, estende-se com suas ondulações suaves a perder de vista.” (RIBEIRO, 2015, p. 166). É também por este valor da renovação e proteção da vida que a atenção do escritor não se prende apenas aos indícios da catástrofe, mas investe igualmente na captação do esforço da população local de sobreviver ao reconstruir as ruínas (sobretudo nos textos “Arrás, terça-feira, noite, 13 de novembro” e “Amiens, quinta-feira, 15 de novembro”): “Da guerra ficou para Amiens bilhetes-postais ilustrados, a inevitável canção de gesta e o infalível monumento aos mortos” (RIBEIRO, 2015, p. 188).

“Chumbo”, ou seja, *Soldado que foi à guerra: reflexões preambulares*

O conto “Chumbo” que faz parte da coletânea de contos *Caminhos errados* (1947), saiu também com o título *Soldado que foi à guerra*²¹ e com a capa de Paulo-Guilherme como o primeiro número da “Colecção ‘Novela’”, dirigida por Manuel do Nascimento, em Lisboa. Mesmo que se trate de dois textos em tudo iguais, os paratextos promovem uma reflexão adicional sobre o horizonte de expectativa gerado pelos títulos tão díspares. O volume de contos *Caminhos errados* traz a designação genológica de “Novelas”, embora atualmente seja lícito considerá-lo uma coletânea de contos. Assim, sem necessidade de pôr em dúvida a designação genológica, Serafina Martins (2011, p. 134) refere-se à narrativa “Chumbo”

²⁰ Na edição da Bertrand, o final do texto é ainda mais desenvolvido, com um forte acento posto nas sensações eufóricas impulsionadas pela visão da natureza outonal.

²¹ O livro não contém a informação sobre a data de publicação que parece ser muito incerta. O catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal indica a data de [1955?], Martim de Gouveia e Sousa indica a data [1956] (cf. SOUSA, 2012, p. 18). Em ambos os casos, a incerteza é explicitamente assinalada.

como a um “conto”, classificação que aqui é corroborada. Oferece-se, todavia, um breve espaço para a reflexão sobre o valor semântico dos títulos. A designação “Chumbo”, correspondendo a um elemento químico metálico usado para armas de fogo, remete evidentemente ao contexto histórico-social da narrativa, que é a Primeira Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, a guerra não constitui somente um contexto, mas funciona como o tema principal da história (o herói foi obrigado a entrar no exército e a participar na guerra). Simultaneamente, a narrativa atualiza outros significados da expressão “chumbo”, mormente a nível do registo informal, como é o caso dos semas de “reprovação”. Também este significado é importante a nível semântico e axiológico, como veremos mais à frente. A nível macrotextual, por sua vez, o título do volume, *Caminhos errados*, antecipa (mas não corrobora) o carácter das peripécias do herói da narrativa, no contexto da memória coletiva da guerra, insinuando-se ainda mais um significado do mesmo título no prefácio do livro, redigido em forma de carta (localizada em Casa de Santa Catarina com a datação de maio de 1947), de Aquilino Ribeiro a João Pina de Moraes. Este segundo significado, relacionado com a dimensão autobiográfica, é relegado para a esfera da memória individual:

Lembro-me que andámos de companhia por essa Europa e que a estrela que nos guiava, bem embora fosse de primeira grandeza e radiosamente ideal, não nos conduziu a Bethlém. Das rampas desses caminhos errados bem de certo que algum perfume perdura até ao fim dos nossos dias. (RIBEIRO, 1984, s/p)

No mesmo prefácio, a palavra “errar” aparece várias vezes, em geral com o significado de “enganar-se”. Porém, o segundo significado da mesma palavra, correspondente a “vaguear” ou “andar sem rumo certo” não é menos importante para a narrativa em apreço, como também se demonstrará mais à frente. É inclusive neste contexto que deve ser compreendido o novo título da mesma narrativa, publicada na “Coleção ‘Novela’”, *Soldado que foi à guerra*, uma vez que precisamente este título foca o movimento, deslocação para o terreno de guerra. Em comparação com “Chumbo”, este título parece mais aventureiro e picaresco, comprovando assim uma das componentes semântico-modais da narrativa (MARTINS, 2011, p. 135). Convém ainda não esquecer que este título funciona como um eco de outras narrativas bem consolidadas na cultura ibérica, tratando-se seja do conto tradicional “O soldado que foi ao céu”²², seja do romance intitulado “A donzela que vai à guerra”²³. Deste modo, o título faz parte da memória coletiva, tal como a própria história anunciada pelos títulos “Chumbo” e *Soldado que foi à guerra* faz parte de uma outra memória, essa que entra num jogo de espelhos com os relatos da viagem aos campos de batalha.

Travessia do herói pelos campos de batalha

Do ponto de vista da intriga, conta-se a história do jovem José Lambu, criado na casa de Manuel Bezerra, que foi obrigado pelo seu patrão a entrar no exército. Este facto deve-se à afeição, correspondida

²² Este conto encontra-se, por exemplo, em *Contos populares portugueses* de Adolfo Coelho (2009, p. 11), com a subscrição *Ourlhe*. No prefácio, datado de 1879, o compilador refere que os contos com a subscrição *Ourlhe* lhe foram “ditados pela Sr.^a Ana Alves Leite, pequena proprietária daquela freguesia (no concelho de Celorico de Basto), uma mina de tradições”.

²³ Convém lembrar que o tópico do romance “A donzela que vai à guerra” inspirou também explicitamente o conto “Os senhores de Montalvo” da coletânea *Jardim das tormentas* (1913) (cf. ŠPÁNKOVÁ, 2017).

mas proibida, a respeito da filha de Bezerra, Eduarda. Combatendo na frente ocidental, destaca-se pela coragem, salvando inclusive o major Chança, amigo de Bezerra. Após ser feito prisioneiro das tropas alemãs, decide fugir, mesmo sem conhecer o terreno. Em seguida, vagueando às cegas pelo campo de batalha e sobrevivendo a vários incidentes, consegue alcançar as linhas dos Aliados. Nesse momento, contudo, o maior desengano ainda está por vir: a notícia de que Eduarda afinal casou com o próprio Chança. Assim, resumida ao âmago, a história parece simples e aventureira, mas, como assume Serafina Martins (2011, p. 135), mesmo podendo ser lida apenas na sua componente “aventureira”, “é muito mais do que a aventura”. Na sua análise, a pesquisadora aquiliniana detém-se sobretudo no cenário como “um pano de fundo que se manifesta na luz” (MARTINS, 2011, p. 135), atenta “nos sons que reverberam em constantes palavras onomatopéias” (MARTINS, 2011, p. 135), reflete sobre o valor simbólico da narrativa que, mediante as perguntas formuladas pelo herói fugido, questiona a “perda da condição de pessoa” (MARTINS, 2011, p. 135) e, sobretudo, concentra-se na dimensão axiológica da narrativa que, acima de tudo, exprime a urgência do pacifismo:

O pacifismo de Aquilino é aqui tão notório como nos textos autobiográficos, sendo notória também a vocação do escritor para se fixar no caso humano a partir do qual, ou pela explanação de um pensamento ou pela construção discursiva de significados, se retira uma posição ideológica. (MARTINS, 2011, p. 136)

É o mesmo pacifismo que se lê nos relatos da viagem. José Lambu, herói excepcional pela proeza da fuga (Aquilino, que duas vezes se evadiu da prisão, tem todo o direito a imaginar tais proezas), redime a memória de todos os jovens que morreram nos campos de batalha.²⁴ Convém salientar, neste momento, que apesar de a narrativa conter traços aventureiros, o laço com a realidade extraliterária é mantido nos elementos referentes à inserção da história dentro das básicas coordenadas temporais (período da guerra 1914-1918) e espaciais (Portugal e a frente ocidental da guerra). Ainda que estas indicações, também devido à limitação advinda do género da narrativa breve, não sejam fornecidas em grande quantidade, os topónimos garantem uma localização precisa sem grande margem de erro. Além das referências meramente acidentais a topónimos como Cabeço de Vide (lugar de Bezerra) ou Pendilhe (lugar de proveniência de Chança), convém reter a informação relacionada com o contexto militar, sobretudo com a sua incidência na cidade de Viseu que, embora nunca referida no texto, surge como a única hipótese da localização da narrativa na parte relacionada com o território português. Além da informação do narrador de que o contacto de Bezerra com Chança é mantido “na mira de ter no Distrito de Recrutamento uma cunha para as ocasiões” (RIBEIRO, 1984, p. 107), há no texto uma referência concreta ao regimento em que Lambu foi alistado: “E uma tarde de carujo, com o cume dos montes arredondados pela névoa, lá foi de mochila às costas, n.º 96 de Infantaria 14, Secção Ligeira da Coluna n.º 1 a caminho do embarque.” (RIBEIRO, 1984, p. 117). Trata-se, evidentemente, da referência ao Regimento de Infantaria 14 de Viseu, denominado Infantes de Viriato, que participou dos combates

²⁴ Curiosamente, o próprio facto de os soldados portugueses não terem sido tão severamente vigiados no cativeiro alemão foi mesmo testemunhado por vários prisioneiros, como se depreende do documentário *La Lys, Batalha Centenária* (2018) de António Louçã.

na frente ocidental em França, inclusive da Batalha de La Lys no dia 9 de abril de 1918. A prova da localização viseense encontra-se também no final da narrativa, quando Lambu regressa da guerra como herói, tendo que enfrentar o maior desapontamento da sua vida ao saber do casamento da sua amada com o homem culpado pelo seu alistamento. Nesta situação, precisamente, aparece o topónimo da Rua da Carvoeira (atual rua Escura), signo de um campo social marginalizado e bem conhecido pela tradição na comunidade local, onde o herói, numa taverna, tenta reprimir os seus desgostos.²⁵

A maior parte da narrativa é, contudo, dedicada ao contexto explícito da guerra e, deste modo, à localização dos campos de batalha no território bem conhecido pelo autor da viagem de 1928. São sobretudo as referências a Armentière (“a estrada que levava de Armentière para o Argonne”) (RIBEIRO, 1984, p. 121) e ao canal La Gorgue (“Olhai, passamos a nado o canal de La Gorgue e é limpinho”) (RIBEIRO, 1984, p. 121) que podem servir como identificadores espaciais. Além de estas localidades corresponderem ao território descrito pelo escritor nos relatos sobre os campos de batalha, trata-se também, de acordo com as fontes históricas, da zona em que atuava a Infantaria 14.²⁶ Apesar destas coincidências, a narrativa aquiliniana não é obviamente nenhum testemunho militar, sendo muito mais, um testemunho imaginário da condição humana, em que a focalização permite dar conta do estado de espírito de um soldado em fuga. Como a fuga é realizada à noite num terreno inimigo e desconhecido, é evidente que o olhar do protagonista, no início acompanhado pelo companheiro em fuga, somente pode registar alguns pontos espaciais imediatos e pouco discerníveis na escuridão. A desorientação no espaço é acentuada pelos verbos que indicam sensações transmitidas sobretudo pelo olhar e audição. Tais sensações informam precisamente a respeito dos dados disponíveis aos homens num espaço sem qualquer ponto de reconhecimento: “O canal, de cuja água viam lucilar sobre a direita o lume mortiço, parecia silencioso e deserto.” (RIBEIRO, 1984, p. 126), “Pelo aspecto do terreno, cortado de largos sulcos longitudinais, presumiam que trilhavam o chão duma granja.” (RIBEIRO, 1984, p. 127), “Precisamente uma delas estava-lhes a dar que cismar; era uma sentinela, ou o fuste duma árvore?” (RIBEIRO, 1984, p. 128), “Um *shrapnell* veio da frente, lá de longe, tão de longe que o Lambu concebeu uma noção pessimista da distância a que estavam das linhas dos Aliados.” (RIBEIRO, 1984, p. 129). Apesar desta orientação facultada pelos sentidos, o protagonista também sabe de como as sensações podem iludir, facto que hipertrofia o sentimento de impotência (“Mas não estaria iludido? Depois de tantas voltas e reviravoltas, não se daria o caso de estar a refazer o caminho e a marchar ao invés da sua vontade?”) (RIBEIRO, 1984, p. 132). A travessia pelo campo de batalha desde o cativo alemão até às linhas dos Aliados é mais longa do que o protagonista presumia, sendo também esta passagem a mais extensa da narrativa (durante a caminhada são enfrentados vários obstáculos como trincheiras, armadilhas, arames de ferro, taludes etc.). Neste contexto, não surpreende que vários elementos espaciais fornecidos pela descrição da travessia de Lambu se sobreponham, a nível semântico-discursivo, à descrição do território

²⁵ A importância da Rua da Carvoeira na obra aquiliniana foi já destacada por Martim de Gouveia e Sousa (2012, p. 35).

²⁶ “A 22 de Março de 1917, partiu de Viseu de comboio para Lisboa o 1º Batalhão. No dia 23 de Março embarcaram em Alcântara nos transportes A, B e C, escoltados pelos contratorpedeiros HV e HO, para França. Embarcou um total de 27 oficiais, 58 sargentos e 1.149 praças. Chegaram ao Porto de Desembarque, em Brest, no dia 26 de Março. [...] A 13 de Janeiro de 1918, o Batalhão ocupou o sector de Neuve-Capelle, conhecido como o ‘Sector da Morte.’ *Regimento de Infantaria 14 - Viseu. 1916 - 1918 Intervenção em França, 1º Batalhão de Infantaria do Regimento de Infantaria 14* (LOPES, 2021).

nos relatos da viagem do autor de 1928, tal como se demonstra, por exemplo, no texto “Courcelette, segunda-feira, pôr do sol, 12 de novembro”²⁷ com os seus cemitérios, cruzeiros, covas e crateras (RIBEIRO, 2015, p. 172). O terreno percorrido por Lambu é, de facto, a “terra de ninguém, onde mal haviam escapado duas repas de erva moira e dois cardos rolantes à cilindrada dos *raids*” (RIBEIRO, 1984, p. 139). Também os arredores de Courcelette são nos relatos descritos de semelhante maneira: “Estes metros de solo entre duas lombas e duas valas eram a terra-de-ninguém; lavrou-a a metralha meses a fio, noite e dia. E negra, calcinada, pontilhada de covas parece uma paisagem lunar.” (RIBEIRO, 2015, p. 172).

Por outro lado, o conto sublinha também a possibilidade de redenção, assinalada nos relatos de viagem mediante a vertente vitalista. Trata-se da parte final da travessia quando, exausto, Lambu descobre um campo de trigo: “Agatou pela ribanceira, e deu logo de cara, em sua frente, com uma seara. Uma leira de trigo, de trigo como na sua terra, era uma sucursal do Paraíso e, com sentimento de desafio, embrenhou-se por ela dentro.” (RIBEIRO, 1984, p. 137). Ao contrapor o campo de trigo ao campo de batalha, esta passagem, também já citada por Serafina Martins (2011, p. 136), ressalta a dimensão axiológica da narrativa: o Paraíso da seara, em contraste ao inferno bélico, oferece-se como um abraço feminino ou um abrigo materno, em sinal do pacifismo e da vitória da vida.

Os campos de batalha como *mnemotopos* europeu, português e aquilino

Como recorda Eduard Maur (2014, p. 145-146), os campos de batalha pertenceram sempre a lugares muito visitados porque, para além de ajudarem a definir os contornos de uma identidade coletiva, têm utilidade nos estudos históricos, uma vez que servem para o conhecimento do terreno e a consequente reconstrução dos acontecimentos, sendo igualmente significativo que tais visitas proporcionam uma impressão autêntica do lugar. De facto, ao visitar os campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, Aquilino Ribeiro sentiu um impacto emocional que o motivou a apreender o lugar mediante imagens expressivas de *locus terribilis* (meio ambiente destruído pela guerra, imagem de uma paisagem lunar, motivos de árvores trucidadas, ruínas e cemitérios). Assim, na sequência dos volumes *É a guerra* (1934) e *Alemanha ensanguentada* (1935), os relatos dos campos de batalha destacam-se tanto pela dimensão informativa e testemunhal, como pela qualidade estética, de teor afetivo e imersivo. Simultaneamente, no entanto, convém salientar que, dentro da vertente vitalista, Aquilino Ribeiro soube redimir o *locus terribilis* pelas imagens de renovo (motivos do solo e da floresta) e reconstrução. Há lugares que morrem para sempre, tal como as míticas cidades mortas, ou como as localidades realmente existentes que foram condenadas ao aniquilamento para sempre (recorde-se, por exemplo, Vilarinho da Furna, aldeia inundada pela construção da barragem). Diferentemente, as localidades exterminadas pelas ofensivas militares puderam ser reconstruídas no mesmo sítio. Na série da viagem pelos campos de batalha, Aquilino Ribeiro refere-se a este aspeto em várias passagens de todos os textos, mencionando cidades que foram levantadas das cinzas, como Béthune e Albert, ou reconstruídas das ruínas, como Arrás.

A memória da visita aos campos de batalha foi em parte recriada na narrativa “Chumbo”, um dos poucos textos literários portugueses da primeira metade do século XX explicitamente dedicados

²⁷ Este texto faz parte do volume da edição da Bertrand; não está inserido no volume de Jorge Reis.

ao tópico da Primeira Guerra Mundial. Também esta narrativa, apesar do *locus terribilis* do campo de batalha que o protagonista deve percorrer e que no plano semântico-discursivo acusa afinidades com os relatos de viagem, é redimida pela vertente vitalista, acentuada pelo motivo do campo de trigo e pela problemática mais ampla da condição humana. Desorientado, o protagonista perde-se constantemente num terreno apenas reconhecido pelos sentidos e intuição, sendo, porém, o seu instinto de sobreviver mais forte do que o desânimo que o avassala. Trata-se também de um soldado com a valentia de um herói fabuloso (Lambu salvou a vida ao seu superior, co-agente da sua desgraça e rival no amor), cujo fracasso se restringe unicamente à dimensão pessoal (perda amorosa), e não à social. Neste sentido, Lambu pertence à galeria de pícaros aquilínios (como p. ex. Macário de *O homem que matou o Diabo*, 1930), nos quais o valor ético é pago pelo preço de um amor frustrado. Esta vertente aventureira e picaresca nota-se, de facto, no título *Soldado que foi à guerra*, escolhido para a nova publicação do texto no âmbito da “Coleção ‘Novela’”.

O território dos campos de batalha, visitado por Aquilino Ribeiro em 1928 e recriado na narrativa “Chumbo” (*Soldado que foi à guerra*), é, a parafrazear Cicero, um lugar onde a cada passo se caminha sobre a história (CICERO, 1977, p. 322).²⁸ Neste sentido, corresponde ao *mnemotopos*, um lugar de memória relevante no mapa europeu e uma profunda cicatriz na memória coletiva portuguesa. Na escrita aquilíniana, conforme foi demonstrado, o *mnemotopos* dos campos de batalha é apresentado como um cruzamento de duas linhas semântico-discursivas, disfórica e vitalista, pendendo a axiologia claramente a favor da segunda linha, vitalista, em sintonia com o ciclo natural, capaz do renovo após um cataclismo. Além disso, o *mnemotopos* dos campos de batalha aquilíniano corresponde a um espaço de dupla memória, visto conter um lugar de memória *par excellence*, o monumento à resistência portuguesa de Lacouture. Se todos os monumentos como lugares de memória correspondem a um signo de identidade coletiva, a memória veiculada por este lugar, como o escritor português defende, deveria constar de uma homenagem explícita aos soldados portugueses. O *mnemotopos* dos campos de batalha é, neste sentido, um lugar de reflexão não apenas sobre as causas e consequências da guerra, mas também sobre a memória desta memória.

Com todos os textos focados neste *mnemotopos*, Aquilino conseguiu visibilizar a problemática que, tão acesa no tempo da guerra e pós-guerra, viria a perder algo do seu impacto imediato e espontâneo, ofuscada que fora por outras atrocidades que se seguiram ainda na primeira metade do século XX. Assim, a memória do conflito, e principalmente do sacrifício dos portugueses mortos nos campos de batalha continua rediviva nas páginas aquilínianas que, também, constituem hoje em dia um lugar de memória no património cultural. O final do documentário *La Lys, Batalha Centenária* de António Louçã (2018, 31.50 – 32.04) é, neste aspeto, bem eloquente: “Esmagado em 9 de abril, o exército português teve em todo o caso o seu lugar no desfile de vitória, mas sobre as ruínas da guerra fazem-se ouvir em Portugal perguntas angustiadas, como as de Aquilino Ribeiro.” Se o espetro da guerra continua a projetar a sua sombra sobre a memória coletiva ainda no início do século XXI, julgo a importância dos textos aquilínios redobrada, em sintonia com o dado contexto político-social. Se o passado é ainda importante para uma comunidade, outorgando-lhe algum significado exclusivo, a atualidade

²⁸ Cicero foi neste contexto já referido por Aleida Assmann (2018, p. 351).

de um determinado contexto social permanece. A esta luz, os próprios textos de Aquilino Ribeiro, tal como demonstra a referência no documentário acima referido, são também um *mnemotopos* da cultura portuguesa que alcança validade universal.

Referências

- ASSMANN, Aleida. *Prostory vzpomínání: podoby a proměny kulturní paměti*. Tradução de Jakub Flanderka, Světlana Ondroušková e Jiří Soukup. Praha: Karolinum, 2018. Título original: *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*, 2010.
- ASSMANN, Jan. *Písmo, vzpomínka a politická identita v rozvinutých kulturách starověku*. Tradução de Martin Pokorný. Praha: Prostor, 2001. Título original: *Das kulturelle Gedächtnis: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*, 1997.
- BRANDÃO, Raul. *As ilhas desconhecidas: notas e paisagens*. Lisboa: Quetzal, 2011.
- BRANDÃO, Raul. *Húmus*. Porto: Porto Editora, 1991.
- CARVALHO, Major Vasco de. *A 2ª Divisão Portuguesa na Batalha do Lys (9 de abril de 1918)*. Lisboa: Lusitania Editora, 1924.
- CICERO, M. Tullius. O nejvyšším dobru a zlu. In: *Antická próza. Dialog a satira*. Tradução de Václav Bahník. Praha: Odeon, 1977. Título original: *De finibus bonorum et malorum*, 1928.
- COELHO, Adolfo. *Contos populares portugueses*. Alfragide: Leya, 2009.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Evropská literatura a latinský středověk*. Tradução de Jiří Pelán, Jiří Stromšík e Irena Zachová. Praha: Triáda, 1998. Título original: *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter*, 1993.
- ENTRIKIN, J. Nicholas. *The betweenness of place: towards a geography of modernity*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *Kolektivní paměť*. Tradução de Yasar Abu Ghosh, Marie Černá, Kateřina Gajdošová e Barbora Spalová. Praha: Sociologické nakladatelství, 2009. Título original: *La mémoire collective. Édition critique établie par Gérard Namer*, 1997.
- HANENBERG, Peter. A Alemanha vista por Aquilino. *Cadernos Aquilianos*, Lisboa, n. 22, p. 47-543, 2014.
- HENRIQUES, João Miguel. Depois de La Lys: as *Memórias da Grande Guerra*, de Jaime Cortesão. *Studia Iberyystyczne*, Kraków, n. 18, p. 169-182, 2019. Doi: <https://doi.org/10.12797/SI.18.2019.18.12>
- LOPES, Carlos Alves. Regimento de Infantaria 14 - Viseu. 1916 - 1918 Intervenção em França, 1º Batalhão de Infantaria do Regimento de Infantaria 14. *Momentos de História*, Lisboa, 2021. Disponível em: https://www.momentosdehistoria.com/001-grande_guerra/001-02-exercito/001-02-01-frente_interna/001-02-01-03-unidades/001-02-01-03-02-ri14.html. Acesso em: 25 ago. 2025.

LOUÇÃ, António. *La Lys, Batalha Centenária*. RTP, 2018. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/la-lys-batalha-centenaria/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

MARTINS, Serafina. Aquilino Ribeiro e a razão das histórias. In: ROCHA, Clara; BUESCU, Helena Carvalho; GOULART, Rosa Maria. *Literatura e cidadania no século XX: ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011. p. 123-144.

MAUR, Eduard. Památná místa: Místa paměti ve vlastním (tj. topografickém) smyslu slova. In: MAS-LOWSKI, Nicolas; ŠUBRT, Jiří. *Koletivní paměť: k teoretickým otázkám*. Praha: Karolinum, 2014.

NORA, Pierre (dir.). *Les lieux de mémoire I La République*. Paris: Éditions Gallimard, 1984.

PEREIRA, José Carlos Seabra. *Aquilino: a escrita vital*. Lisboa: Babel, 2024.

PRIETO, Eric. *Literature, geography, and the postmodern poetics of place*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

RIBEIRO, Aquilino. *Alemanha ensanguentada*. Lisboa: Bertrand Editora, 2015.

RIBEIRO, Aquilino. *Caminhos errados*. Lisboa: Livraria Bertrand; Círculo de Leitores, 1984.

RIBEIRO, Aquilino. *É a guerra*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1958.

RIBEIRO, Aquilino. *Jardim das tormentas*. Lisboa: Bertrand Editora, 1985.

RIBEIRO, Aquilino. *Páginas do exílio: cartas e crónicas de Paris. 1927-1930. Vol. 2. Recolha de textos e organização de Jorge Reis*. Lisboa: Vega, 1988.

RIBEIRO, Aquilino. *Soldado que foi à guerra*. Lisboa: Fomento de publicações, [1956].

RUAS, Luci. Ilhas desconhecidas, ilhas (re)descobertas: ao encontro de Raul Brandão. In: ANTUNES, Susana L. M. (coord.). *Ilhas de vozes em reencontros compartilhados*. Holden Massachusetts: Quod Manet, 2021. p. 17-41.

SOUSA, Martim de Gouveia e. *Deambulação aquiliniana & derivações*. Viseu: Sindicato dos Professores da Região Centro, 2012.

ŠPÁNKOVÁ, Silvie. A imagem da Atlântida no conto A revolução de Aquilino Ribeiro. In: RAMOS, Joaquim Coelho; GRAUOVÁ, Šárka; JINDROVÁ, Jaroslava (ed.). *Língua portuguesa na Europa Central: estudos e perspectivas*. Praha: Karolinum, 2016. p. 100-109.

ŠPÁNKOVÁ, Silvie. O imaginário popular no conto “Os Senhores de Montalvo” de Aquilino Ribeiro. *Svět literatury*, Praha, p. 80-91, 2017.

TALLY, Robert T. Jr. *Topophrenia: place, narrative, and the spatial imagination*. Bloomington: Indiana University Press, 2019.

TRIGG, Dylan. *The memory of place: a phenomenology of the uncanny*. Athens: Ohio University Press, 2012.

Recebido em 7 de novembro de 2025.

Aprovado em 13 de dezembro de 2025.

Resumo/Abstract

Touching a raw nerve: battlefields as *mnemotopos* in the work of Aquilino Ribeiro

Silvie Špánková

Aquilino Ribeiro foi um dos primeiros autores portugueses a refletir sobre a memória da Primeira Guerra Mundial. Este aspeto da obra aquiliniana merece um destaque particular nos estudos da memória coletiva visto tratar-se de uma forma de dupla memória (situação em que a própria questão da memória coletiva é refletida dentro dos textos). Com base nos trabalhos de A. Assmann (2018) e J. Assmann (2001), o presente artigo analisa o *mnemotopos* (termo de J. Assmann) dos campos de batalha na dupla configuração dos relatos da viagem realizada em 1928 e do conto “Chumbo” (*Caminhos errados*, 1947), demonstrando afinidades a nível da configuração espacial e, sobretudo, a nível da dimensão axiológica.

Palavras-chave: Aquilino Ribeiro, memória coletiva, *mnemotopos*, campos de batalha.

Touching a raw nerve: battlefields as *mnemotopos* in the work of Aquilino Ribeiro

Silvie Špánková

Aquilino Ribeiro was one of the first Portuguese authors to reflect on the memory of the First World War. This aspect of Aquilino’s work deserves particular attention in studies of collective memory, as it is a form of double memory (a situation in which the very question of collective memory is reflected within the texts). Based on the works of A. Assmann (2018) and J. Assmann (2001), this article analyses the *mnemotopos* (term by J. Assmann) of battlefields in the dual configuration of reports from the travels undertaken in 1928 and the short story “Chumbo” (*Caminhos errados*, 1947), demonstrating the affinities at the level of the spatial configuration and, above all, at the level of the axiological dimension.

Keywords: Aquilino Ribeiro, collective memory, *mnemotopos*, battlefields.